

O exercício intelectual como um fármaco para suportar a infelicidade

The intellectual exercise as a drug to support unhappiness

Eli Berto Dambros

Mestrando em Filosofia pela PUCPR
Professor da Rede Pública do Estado do Paraná
E-mail: ebdeli@hotmail.com

Resumo: Este trabalho procura analisar a importância dada por Arthur Schopenhauer à atividade intelectual em consonância com um movimento de adaptação ao meio em que vivemos. Esta reflexão é encontrada de maneira mais específica na parte prática da filosofia schopenhaueriana. Com o exercício intelectual diário proposto por Arthur Schopenhauer, criamos condições para agirmos de maneira ponderada e, conseqüentemente, sermos menos infelizes em nosso dia a dia.

Palavras-chave: Schopenhauer; Exercício intelectual; Presente.

Abstract: This paper analyzes the importance given by Arthur Schopenhauer intellectual activity in line with a move to adapt to the environment in which we live. This reflection is found more specifically in the practical part of Schopenhauer's philosophy. With daily intellectual exercise proposed by Arthur Schopenhauer, we create conditions to act in a measured way and consequently be less unhappy in our daily lives.

Keywords: Schopenhauer; Intellectual exercise; Present.

Quando olhamos superficialmente o componente prático da filosofia de Arthur Schopenhauer ficamos com a impressão de que, nesta parte da reflexão filosófica schopenhaueriana, o exercício intelectual fica situado em um plano secundário. No entanto, ao analisarmos essa seção de forma particularizada, constatamos que a atividade intelectual possui uma grande importância para a prática da sabedoria de vida e, conseqüentemente, para o conhecimento do caráter adquirido. Acerca deste conceito –caráter adquirido – constatamos que surge pela primeira vez em um fragmento póstumo de 1816. No referido fragmento Schopenhauer pondera sobre uma terceira forma de caráter da seguinte maneira: “O que é elogiado como *caráter* entre os homens mundanos e vem *adquirido* somente com a experiência no mundo, é diferente, tanto do *caráter* inteligível, quanto do *caráter* empírico”¹. À razão, neste sentido, cabe a função de indicar conselhos para a prática de

¹ Cf. SCHOPENHAUER, A. *Scritti postumi: I manoscritti berlinesi*. § 595, p. 540. No parágrafo 241 dos *Scritti postumi: I manoscritti giovanili* – p. 188 – Schopenhauer diferenciou o caráter inteligível do caráter empírico discorrendo que ao inteligível, ele denominou aquele caráter no qual um determinado ato da vontade é encontrado fora do tempo e do espaço, e por empírico, o ato que se desenvolve na vida influenciado pelo tempo e pelo espaço. No MVR I temos uma explicação mais precisa dos dois conceitos

uma sabedoria de vida. Como afirma Vilmar Debona: “[...] o que está em jogo é o emprego de uma razão capaz de indicar máximas para uma ‘sabedoria de vida’, domínio em que se possibilita também a chegada a um ‘caráter adquirido’”². Esse exercício intelectual, para Schopenhauer, precisa ser realizado em todos os momentos, pois ele nos guia para o conhecimento daquilo que nós somos, nos conduz ao conhecimento de nossos valores próprios. Esta atividade nos proporciona o fortalecimento de nossas faculdades, nos tornando independentes das opiniões alheias.

Assevera Schopenhauer que nada é tão absurdo como querer ser outra coisa senão ‘o que se é’. Imitar os outros é revelar que não temos valor próprio. De acordo com Jair Barboza, para Schopenhauer: “[...] investe-se contra o mais valer parecer ser, em vez de ser, o que é uma inversão na ordem natural das coisas, pois se toma o secundário (opinião alheia) pelo principal (valor próprio)”³. Se não invertermos essa ordem natural e se soubermos quais são as quantidades e as qualidades de nossos próprios recursos, poderemos aplicar tais vantagens da melhor maneira possível amenizando, por conseguinte, o sofrimento. Ao conhecermos a fundo as faculdades provindas de nós mesmos, sustenta Schopenhauer, organizamos nossa vida de maneira equilibrada, ou seja, evitando os excessos que nos levam às dores extremas e ao tédio. Dessa forma, renunciamos àquilo que não é possível alcançar, encontrando um certo sossego conosco mesmos. Igualmente, abrandaremos a dor mais amarga, qual seja, a impotência que abate o espírito e favorece o ressentimento.

Diante destas ponderações é de suma importância, no entender de Schopenhauer, ressaltar a função da reflexão alinhada ao autoconhecimento nesta luta diária que é o viver. Por um lado, devemos ampliar, não sem uma certa soma de angústia, o leque de opções na vida. Entretanto, por outro – em função do que queremos e podemos – avaliar nossa conduta, nossas estratégias, pois estas, eventualmente, nos desviam do local que realmente queríamos estar ou deveríamos chegar. Nas palavras de Schopenhauer temos:

– não cunhados por Schopenhauer, mas ‘emprestados’ de Kant –. O próprio filósofo disserta: “Foi Kant, todavia, cujo mérito a este respeito é em especial magnânimo, o primeiro a demonstrar a coexistência dessa necessidade com a liberdade da Vontade em si, isto é, exterior ao fenômeno, estabelecendo a diferença entre caráter inteligível e empírico, a qual conservo por inteiro, conquanto o primeiro é a Vontade como coisa-em-si a manifestar-se em fenômeno num determinado indivíduo e num determinado grau, já o segundo é este fenômeno mesmo tal qual ele se expõe no modo de ação segundo o tempo, e já na corporização segundo o espaço. [...] o caráter inteligível em cada homem deve ser considerado como um ato extratemporal, indivisível e imutável da Vontade, cujo fenômeno, desenvolvido e espraiado em tempo, espaço e em todas as formas do princípio de razão, é o caráter empírico como este se expõe conforme a experiência, vale dizer, no modo de ação e no decurso de vida do homem” SCHOPENHAUER, A. *MVRI*, pp. 374-375.

2 DEBONA, V. *Schopenhauer e as formas da razão*, p. 48.

3 BARBOZA, J. Prefácio. In: SCHOPENHAUER, A. *Aforismos para a sabedoria de vida*, p. XVI.

Nossa vida prática, real, quando as paixões não a movimentam, é tediosa e sem sabor; mas quando a movimentam, logo se torna dolorosa. Por isso, os únicos felizes são aqueles aos quais coube um excesso de intelecto que ultrapassa a medida exigida para o serviço da sua vontade. Pois, assim, eles ainda levam, ao lado da vida real, uma intelectual, que os ocupa e entretém ininterruptamente de maneira *indolor* e, no entanto, vivaz⁴.

É importante olhar atentamente para o papel da reflexão no pensamento schopenhaueriano dos *ASV*. Em um primeiro momento, o agir parece estar em um plano principal e a função da reflexão parece estar assentada em um lugar secundário. Não é o que entendemos. O agir racional, para Schopenhauer, é parte importante da razão prática, pois este ato nos leva a seguir máximas e preceitos e não as percepções momentâneas que poderiam nos confundir por súbitas impressões⁵. O ato de refletir é essencial para aquilo que Schopenhauer designa caráter adquirido e somente possui eficácia quando aliado à experiência, já que ele é um caráter artificial, não inato. Jair Barboza, em relação ao papel da reflexão, escreve que para Schopenhauer: “Ser feliz é fugir dos sofrimentos, com a ajuda da razão que acumula as experiências em conceitos”⁶. Por faltar esta reflexão, afirmará Schopenhauer, os seres humanos, em sua maioria, vagueiam pela vida colecionando aborrecimentos consigo mesmos, transitam sempre em extremos. Nos *ASV*, o filósofo faz uma analogia provocante, vejamos o que escreve Schopenhauer:

Nossa experiência pessoal também pode ser vista como um texto, do qual a reflexão e o conhecimento são o comentário. Muita reflexão e conhecimento acompanhados de pouca experiência assemelham-se àquelas edições cujas páginas apresentam duas linhas de texto e quarenta de comentário. Muita experiência acompanhada de pouca reflexão e escasso conhecimento assemelha-se àquelas edições bipontinas, sem notas, que deixam muitas coisas incompreensíveis⁷.

Não obstante, além de o direcionar à vontade ser uma das regras de vida mais importantes nas recomendações schopenhauerianas, ele nos aconselha – para tornar mínimo o sofrimento – realizar ações com parcimônia diante daquilo que ‘se pode’. Estas atitudes nos preparam para amenizar o sofrimento inexorável subsistindo, então,

4 SCHOPENHAUER, A. *Aforismos para a sabedoria de vida*, p. 39.

5 Cf. SCHOPENHAUER, A. *Scritti postumi: I manoscritti giovanili*. Dresda § 207, p. 149.

6 BARBOZA, J. Uma terapia para ser menos infeliz no inferno: sabedoria de vida e prudência em Schopenhauer. In: *Revista AdVerbum* 3(2), pp. 122.

7 SCHOPENHAUER, A. *Aforismos para a sabedoria de vida*, p. 160.

não ao como ‘se quer’, senão ao como ‘se pode’. Se elaborarmos um projeto pautado na reflexão antes de qualquer ação e mesmo assim o resultado desse agir for insatisfatório, o reconhecimento de que tudo está sujeito ao infortúnio e ao erro não provocará em nós aflições com as desventuras advindas dessas ações. Schopenhauer infere:

É preciso elaborar um projeto repetidamente e com maturidade antes de executá-lo. E, mesmo depois de ter-se observado tudo minuciosamente, deve-se ainda levar em conta a insuficiência de todo conhecimento humano, em virtude da qual pode haver sempre circunstâncias impossíveis de perscrutar ou prever e que podem tornar incerto todo o cálculo. [...]. Não nos angustiemos pela reflexão sempre renovada sobre o que já foi feito ou pelas dúvidas repetidas sobre o possível perigo. Deve-se, antes, descarregar a mente desse assunto e manter inteiramente fechado todo o compartimento do pensamento, tranquilizando-se [sic] com a convicção de que tudo foi maduramente considerado a seu tempo. [...]. Contudo, se o resultado é ruim, é porque todos os empreendimentos humanos estão sujeitos ao acaso e ao erro⁸.

Esse direcionamento pela razão, diz Schopenhauer, nos leva a refrear⁹ a vontade, limitando o próprio perímetro de ação e, assim, ficamos convencidos da precisão de uma das máximas contida na *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles. Esta máxima afirma a aspiração do prudente não ao prazer e sim à ausência da dor¹⁰ ou ainda, afirma Schopenhauer, na frase de Sêneca que entende a necessária submissão à razão caso queiramos nos submeter a tudo¹¹.

Este subsídio da inteligência é pago com maior ‘aptidão’ para o sofrer. Schopenhauer afirma que a causa das dores e as alegrias não reside rotineiramente na realidade presente, mas frequentemente nos pensamentos abstratos. Estas dores abstratas são, principalmente, as dores espirituais que, em comparação com a dor física, chega a converter-se em aflição, provocando um desconforto muito maior. O filósofo escreve: “Eis porque nas maiores dores espirituais a pessoa arranca os cabelos, golpeia-se no peito, arranha o rosto, atira-se ao chão: tudo sendo propriamente apenas meios violentos de distração em face de um pensamento de fato insuportável”¹². A dor do espírito possui uma dimensão muito maior que a ‘simples’ dor física.

A partir dessa tese, Schopenhauer se dá conta que as adversidades não atormentam mais que o estar ciente da possibilidade de havê-las evitado. Assim sendo,

8 SCHOPENHAUER, A. *Aforismos para a sabedoria de vida*, pp. 180-181.

9 Este refrear de certa forma consiste em um paradoxo, já que a própria vontade dá esse espaço para a razão atuar.

10 Cf. SCHOPENHAUER, A. *Aforismos para a sabedoria de vida*, p. 140.

11 Cf. SCHOPENHAUER, A. *Aforismos para a sabedoria de vida*, p. 189.

12 SCHOPENHAUER, A. MVRI, p. 387.

Revista Voluntas: Estudos sobre Schopenhauer - Vol. 6, Nº 1 - 1º semestre de 2015 - ISSN: 2179-3786 - pp. 120-134.

caso a razão considere que uma determinada desventura teve que ser necessária, então nós não nos perturbaremos com qualquer infortúnio¹³. Ora, temos então que o pensamento abstrato é a causa de uma enorme quantidade de dores em nós. Porém, quando observamos atentamente o pensamento schopenhaueriano, constatamos que o maior sofrimento é a ignorância à nossa própria individualidade. Schopenhauer verifica, como constata Chevitarese, que: “A ignorância nos impede a percepção da realidade tal como é, proporcionando uma relação conflituosa com o mundo, um padecimento constante”¹⁴. Tudo isso gera uma falsa opinião sobre nós mesmos.

Para Schopenhauer, perante a necessidade de tomarmos constantes decisões na vida, a importância do autoconhecimento é essencial caso não queiramos vagar por ela daqui para acolá largados a nós mesmos. Esse descobrir-se somente pode ser alcançado a partir do momento em que formulamos regras para nossa conduta. Todavia, alerta Schopenhauer, não nos iludamos que a saída das adversidades da vida esteja apenas em erigir preceitos para nortear a nossa conduta. Para ele: “Pode-se facilmente compreender, até mesmo descobrir e formular de maneira admirável uma regra de conduta concernindo a nós e aos outros e, no entanto, na vida real, logo a violamos”¹⁵. Sem esse conhecimento de nós mesmos, alinhados à circunspeção entre a prática e a reflexão, não possuímos, propriamente, um caráter. Assim, ficamos à mercê da vontade e somos conduzidos por forças cegas que provocam batalhas constantes em nosso interior.

Assevera Schopenhauer que nossa vida trilhará uma trajetória com o mínimo de obstáculos quando, ao colhermos sofrimentos, soubermos ponderá-los através do caráter adquirido. Chevitarese constata, acerca desta ponderação para o filósofo, que: “O *exercício*, tanto intelectual como físico, é uma das chaves fundamentais para uma boa qualidade de vida”¹⁶. Esta circunspeção é o produto da união entre a reflexão e a experiência que nos proporciona uma certa arte de bem viver. Afirma o filósofo:

Mas não se deve, por conta disso, perder a coragem e pensar que é impossível dirigir nossa conduta na vida mundana em conformidade com regras e máximas abstratas, e que, portanto, seria melhor não nos controlarmos. Nesse caso, dá-se o mesmo que em todas as prescrições e instruções teóricas para uso prático: *compreender a regra é o primeiro passo, o segundo é aprender a*

13 Cf. SCHOPENHAUER, A. *MVRI*, p. 395.

14 CHEVITARESE, L. *A ética em Schopenhauer: que “liberdade nos resta” para a prática de vida?* p. 138.

15 SCHOPENHAUER, A. *Aforismos para a sabedoria de vida*, p. 215.

16 CHEVITARESE, L. *A ética em Schopenhauer: que “liberdade nos resta” para a prática de vida?* p. 85.

aplicá-la. A compreensão é adquirida de uma só vez pela razão, o aprendizado é absorvido aos poucos pelo exercício¹⁷.

Quanto maior a dor e o tédio maior será a força do espírito, afirma Schopenhauer, e isso convém muito mais que uma força débil. Os menos agraciados pela natureza abarrotam seu vazio existencial com míseros substitutos. Ao contrário disso, uma maior capacidade intelectual e, conseqüentemente, uma maior imaginação, constituem a razão pela qual a vida é gozada mais intensamente. Mesmo que acarrete em dor mais profunda, experimentaremos a vida com maior ardor. O vazio interior é o principal agente que conduz o homem intelectualmente inferior ao enalço de todo tipo de reuniões, de distrações, de prazeres e de ostentações, discorre Schopenhauer. Essas inclinações são responsáveis por tantas pessoas serem conduzidas ao desperdício e, finalmente, à miséria¹⁸. Até porque, afirma Schopenhauer: “Para a maioria dos homens as fruições intelectuais são inacessíveis. Eles são quase incapazes de alegria no puro conhecimento: estão completamente entregues ao querer”¹⁹.

A riqueza interior, do espírito, afirma Schopenhauer, nos põe mais em vigilância contra estes descaminhos, porque quanto mais nos acercamos da superioridade, menos espaço deixamos para o tédio. A infindável atividade dos pensamentos, a renovação contínua do exercício da reflexão diante das manifestações diversas do mundo interior e exterior, a força e a capacidade das variadas combinações possíveis, coloca uma cabeça eminente, assevera Schopenhauer, bem distante do alcance do fastio, salvo nos momentos de lassidão. Entretanto, por outro lado, uma inteligência superior é dona de uma sensibilidade mais viva, por isso possui um ímpeto maior da vontade e, conseqüentemente, de passionalidade. Da união desta dupla condição – a capacidade de sermos em muitos momentos indiferentes ao mundo que nos cerca e ao mesmo tempo em outros mais sensíveis – ressalta o filósofo, emana uma força mais intensa. Essa força instiga todas as nossas emoções e uma sensibilidade superior para as dores do espírito e até mesmo para as dores físicas, se consolida.

Para Schopenhauer, a dor é inevitável, pois ela não vem do mundo exterior senão do nosso interior ou de nossa disposição física. Desta maneira, cada um de nós possui uma certa medida de dor essencial ao nosso ser determinada, de forma definitiva, pela

17 SCHOPENHAUER, A. *Aforismos para a sabedoria de vida*, pp. 215-216.

18 Cf SCHOPENHAUER, A. *Aforismos para a sabedoria de vida*, p. 25.

19 SCHOPENHAUER, A. *MVRI*, p. 404.

Revista Voluntas: Estudos sobre Schopenhauer - Vol. 6, Nº 1 - 1º semestre de 2015 - ISSN: 2179-3786 - pp. 120-134.
natureza²⁰. Para Schopenhauer, um ser humano capaz de mostrar uma grande alegria certamente sentirá também a dor na mesma proporção²¹, pois ambas dependem da vivacidade do espírito. Dessa circunstância surge uma impaciência maior diante de todo obstáculo e até de um simples contratempo. O que contribui com maior poder a todas essas implicações, conclui Schopenhauer, é a vivacidade produzida pela força surgida da imaginação²².

Schopenhauer afirma que a felicidade residente na consciência, no intelecto, obtém sua força na medida da capacidade intelectual que temos. Por ser isto exigido, somente pode ser mais feliz o indivíduo que possui maior inteligência, pois dessa forma o deleite espiritual será muito mais elevado. Em contrapartida, aos homens simplórios – que são a maioria – somente resta uma vida bruta e incauta. Acerca disso Schopenhauer escreve:

Pois os deleites mais elevados, mais variados e mais duradouros são os espirituais; por mais que na juventude possamos nos enganar a esse respeito, eles, todavia, dependem principalmente das faculdades inatas. Portanto, a partir disso fica claro o quanto nossa felicidade depende daquilo que *somos*, de nossa individualidade; enquanto, na maior parte das vezes, levamos em conta apenas a nossa sorte, apenas aquilo que *temos* ou *representamos*. Mas a sorte pode melhorar. Além do mais, quando há riqueza interior, não se lhe pedirá muito. Em contrapartida, um simplório permanecerá sempre um simplório, um bruto obtuso, sempre um bruto obtuso até o fim [...] ²³.

Em consonância com esse pensamento, Giuseppe Invernizzi constata uma certa confiança por parte de Schopenhauer ao exibir a possibilidade de obter uma condição satisfatória de felicidade através da atividade intelectual. Com isso, continua Giuseppe Invernizzi, Schopenhauer ratifica o fortalecimento do valor interior do ser humano o qual fica a salvo dos golpes da fortuna. Nas mais altas formas de conhecimento, o intelecto age sem interferência da vontade, isso significa, sem dores. Aqui encontramos o grande valor eudemonológico do prazer espiritual defendido por Schopenhauer²⁴. Em referência a este deleite destacado por Giuseppe Invernizzi, encontramos a seguinte passagem nos ASV:

20 Cf. SCHOPENHAUER, A. MVRI, pp. 406-407.

21 Cf. SCHOPENHAUER, A. MVRI, p. 409.

22 Cf. SCHOPENHAUER, A. *Aforismos para a sabedoria de vida*, p. 25.

23 SCHOPENHAUER, A. *Aforismos para a sabedoria de vida*, pp. 7-8.

24 Cf. INVERNIZZI, G. *Il pessimismo tedesco dell'Ottocento. Schopenhauer, Hartmann, Bahnsen e Mainländer e i loro avversari*, p. 27. É preciso que fique claro que, para Schopenhauer, essas ações são apenas um paliativo diante de um produto desprezível que é a vida. Quem realmente comanda nossa existência é a vontade insaciável.

Ademais, como já demonstrei, a intelecção correta das coisas é incrementada pela experiência, pelo conhecimento, pela prática e pela reflexão; o juízo aguça-se e a concatenação das idéias [sic] se torna clara; ganha-se em tudo uma visão cada vez mais coerente e completa: desse modo, por meio das combinações sempre novas dos conhecimentos acumulados e do seu oportuno enriquecimento, fomenta-se a própria formação interior em todos os sentidos, e o espírito encontra-se, então, ocupado, satisfeito e recompensado²⁵.

Juan David Mateu Alonso, seguindo a mesma linha de pensamento, discorre: “A salvação mundana se encontra, pois, na vida intelectual, uma mensagem que se encontra em diversas passagens dos *Aforismos*, como por exemplo na quarta máxima, na qual se reafirma o vínculo entre conhecimento de si e caráter adquirido”²⁶. Continuando a sua reflexão acerca da eudemonologia schopenhaueriana, Alonso destaca o papel especial do conhecimento intelectual para o alcance da felicidade. Em sua sabedoria para a vida, de acordo com Juan David Mateu Alonso, Schopenhauer direcionou o intelecto à duas funções básicas imprescindíveis para nossa aproximação à felicidade. A primeira dessas atribuições consiste no intelecto como meramente ‘cognitivo’. Essa atribuição parte da reflexão sobre as ações e das decisões tomadas ao longo da vida permitindo, desse modo, compreender a própria maneira de ser como a responsável por transportar-nos a um ‘perfeito conhecimento de si’. A segunda atribuição consiste na ‘prevenção’. Essa função explica, para Schopenhauer, porque somente alcançam a felicidade os indivíduos possuidores de um grande contingente de inteligência. Ela é capaz de arrefecer a vontade e sua autossatisfação e ainda permitir um certo ócio intelectual²⁷. Vejamos nas palavras do próprio Schopenhauer:

[...] o mero ócio, isto é, o intelecto não ocupado com o serviço da vontade, não é suficiente; é necessário um excedente real de força, pois apenas este capacita a uma ocupação puramente espiritual, não subordinada ao serviço da vontade. [...]. Ora, conforme esse excedente seja pequeno ou grande, haverá inúmeras gradações daquela vida intelectual levada ao lado da (vida) real [...]²⁸.

É bem provável que a defesa schopenhaueriana – de que apenas umas poucas pessoas conseguem ascender a este nível – ocorre em virtude da dificuldade de

25 SCHOPENHAUER, A. *Aforismos para a sabedoria de vida*, p. 270.

26 ALONSO, J. D. M. *La filosofía política y su trasfondo ontológico en la obra de Arthur Schopenhauer*, p. 216. Tradução minha. Sobre a relação entre conhecimento de si e caráter adquirido abordado por Juan David Mateu Alonso, Cf. SCHOPENHAUER, A. *Aforismos para a sabedoria de vida*, pp. 152-154.

27 Cf. ALONSO, J. D. M. *La filosofía política y su trasfondo ontológico en la obra de Arthur Schopenhauer*, p. 216. Tradução minha.

28 SCHOPENHAUER, A. *Aforismos para a sabedoria de vida*, p. 39.

Revista Voluntas: Estudos sobre Schopenhauer - Vol. 6, Nº 1 - 1º semestre de 2015 - ISSN: 2179-3786 - pp. 120-134. alcançarmos essa ‘prática intelectual’ da mediania. Nessa linha, Giuseppe Invernizzi destaca que o autêntico conhecimento, além de ser acessível apenas a um pequeno número de indivíduos nos quais as forças espirituais são particularmente bem desenvolvidas, é por si só algo antinatural e, portanto, excepcional. A faculdade cognitiva é, por sua natureza, sujeita à vontade²⁹.

Franco Volpi, na Introdução de *A arte de conhecer a si mesmo* destaca, de forma concisa, o posicionamento schopenhaueriano diante de uma prática de vida com caráter filosófico. Ele afirma: “Daí se origina a convicção schopenhaueriana de que a filosofia não é apenas conhecimento teórico do ser, mas também *sabedoria prática de vida*”³⁰. Ainda, de acordo com Volpi, Schopenhauer toma a filosofia como sabedoria prática a partir dos estudos que fez sobre a sabedoria indiana. Ele destaca:

[...] a partir de 1813-14, com o estudo da sabedoria indiana, Schopenhauer aprende a conceber a filosofia não apenas como saber teórico, mas também como forma de vida e exercício espiritual; não apenas como puro conhecimento, mas também como ensinamento sapiencial e sabedoria prática³¹.

Schopenhauer afirma que a nossa felicidade se fundamenta na acomodação perante aquilo que é inexorável. Nesse sentido, Vilmar Debona compreende que a razão se torna um instrumento: “[...] capaz de estabelecer máximas para a sabedoria de vida, de indicar ao homem uma “acomodação” frente aos sofrimentos e à sua existência dolorosa e entediante, ou ainda, de se dedicar, num sentido terapêutico, ao alívio de penas e dores”³². Essa circunstancial felicidade surge e se estabiliza a partir de um meio-termo entre as forças que impulsionam nossas aspirações e os bens alcançados. Estes últimos geralmente são menores que as nossas pretensões. O sofrimento aparece com muito mais força quando não encontramos este equilíbrio, pois entre aquilo que desejamos e aquilo que obtemos se interpõe um déficit de realizações. O papel da razão, sustenta Schopenhauer, é o de equilibrar estas forças, de encontrar um ponto médio entre os nossos desejos e o que de fato pode ser realizado nas experiências diárias. Uma vez concebido e aprendido isso, ou seja, ao aliarmos a reflexão com a prática, possuiremos o caráter adquirido. Ora, este não é outra coisa senão um conhecimento

29 Cf. INVERNIZZI, G. *Il pessimismo tedesco dell'Ottocento. Schopenhauer, Hartmann, Bahnsen e Mainländer e i loro avversari*, p. 28.

30 VOLPI, F. Introdução. In. SCHOPENHAUER, A. *A arte de conhecer a si mesmo*, p. X. Grifo meu.

31 VOLPI, F. Introdução. In. SCHOPENHAUER, A. *A arte de ser feliz*, p. XI. Para um conhecimento mais apurado sobre a sabedoria e a filosofia indiana, Cf. ZIMMER, H. *Filosofias da Índia*.

32 DEBONA, V. *A outra face do pessimismo: entre a radicalidade ascética e a sabedoria de vida*, p. 160.

mais refinado daquilo que nós mesmos somos. Qual momento é mais oportuno à harmonia entre a atividade intelectual – a reflexão – e a *práxis* para extrair uma melhor sabedoria prática de vida? Schopenhauer afirma que o tempo presente é o mais – senão o único – indicado.

Em cada um de nós surge uma força que conserva um ‘domínio oculto’ que, como um filete imperceptível agindo por todos os lados, rege e orienta os acontecimentos da existência individual. Esta potência – afirma Schopenhauer a partir de uma comparação – é como a vontade inconsciente do sonhador. Mesmo possuindo muitos sonhos e ainda que sejam distintos uns dos outros, na realidade eles possuem um único núcleo gerador no qual são fundamentados em uma lógica coesa. Não importa se esses sonhos apresentam um significado incompreensível no instante em que ocorrem³³.

Destarte, por diversas vezes traçamos um plano e nos concentramos exaustivamente a este projeto. Posteriormente, entretanto, este mesmo programa – que tanto arrebatou instantes preciosos de nossa vida – apresenta-se como algo que não era adequado para o nosso verdadeiro bem-estar. Mesmo assim, continua Schopenhauer, perseguimos este projeto. Contudo, no fim das contas experimentamos uma conspiração do destino que coloca toda a sua força contra a nossa aspiração fazendo com que, contra nossa vontade, caminhemos na via mais adequada para ele³⁴.

Em boa medida, fala Schopenhauer, nos deparamos amordaçados a este destino. Em decorrência dessa prisão, a ação mais prudente será a de compreender que apenas o presente é real assim como a dor e o sofrimento que nos acompanham ao longo de nossa vida. Assevera o filósofo nos *ASV*: “Durante toda a vida, sempre possuímos apenas o presente, e nada mais. A única diferença é que, no começo, vemos um longo futuro diante de nós e, no fim, um longo passado atrás de nós”³⁵. Por que Schopenhauer afirma que somente o presente é real e há apenas uma diferença de perspectiva? Precisamente porque a base de seu pensamento filosófico é a ação da vontade. Ora, essa protagonista do pensamento filosófico schopenhaueriano é uma constante eterna, um único movimento ininterrupto existente apenas como um infundável presente que passa por cima de tudo para se satisfazer. Escreve Schopenhauer: “Só o presente é verdadeiro e real; ele é o tempo realmente preenchido e é nele que repousa exclusivamente a nossa

33 Cf. SCHOPENHAUER, A. P/P. Vol. I, p. 218.

34 Cf. SCHOPENHAUER, A. P/P. Vol. I, p. 218.

35 SCHOPENHAUER, A. *Aforismos para a sabedoria de vida*, p. 247.

Revista Voluntas: Estudos sobre Schopenhauer - Vol. 6, Nº 1 - 1º semestre de 2015 - ISSN: 2179-3786 - pp. 120-134.
existência”³⁶. Logo, é somente nele que podemos agir para amenizar as dores e os sofrimentos advindos da ação da vontade.

Quando nos damos conta dessa prerrogativa – de que apenas o presente é real – o mais sensato a fazer é nos esforçarmos para escaparmos, comedidamente, dos infortúnios da vida. Não temos que nos preocuparmos e nem nos determos em lamentações do que passou, tampouco perseguir a nuvem da felicidade que nos leva a olhar sempre para um futuro incerto. Sempre que nos aproximamos a ponto de tocá-la, a nuvem se dissipa. Chistopher Janaway aponta, com outras palavras, essa mesma ideia. O tempo distorce a nossa interpretação de felicidade. Olhamos para trás em eventos anteriores e nos damos conta de que jazíamos felizes, entretanto deixamos de apreciar esses momentos da forma que deveríamos quando eles estavam diante de nossos olhos. Aspiramos a todo instante a realização de um conjunto de eventos que, pensamos, acontecerá em algum lugar à frente do presente com a falsa ilusão de obtermos uma felicidade duradoura³⁷. A respeito disso, esclarece Schopenhauer:

[...] em vez de estarmos sempre e exclusivamente ocupados com planos e cuidados para o futuro, ou de nos entregarmos a nostalgia do passado, nunca deveríamos nos esquecer de que só o presente é real e certo; o futuro, ao contrário, apresenta-se quase sempre diverso daquilo que pensávamos³⁸.

A sabedoria de vida consiste em desfrutar, em todos os momentos, o presente³⁹. Tendo em conta essa certeza, entende Schopenhauer, precisaremos ser mais sensatos e colocarmos rédeas em nossas aspirações e fantasias no tocante ao nosso bem-estar. Precisamos avaliar estes aspectos com temperante e fria reflexão. A este respeito Juan David Mateu Alonso escreve: “O único remédio indicado por Schopenhauer é o do cultivo da própria personalidade, um trabalho sobre si mesmo que requer um

36 SCHOPENHAUER, A. *Aforismos para a sabedoria de vida*, p. 155. Para Schopenhauer, o futuro e o passado não são algo real. Ele cita, como exemplos, Sócrates, Júlio César, Shakespeare, Rousseau como não sendo nada reais, todos já se foram. Somente é real o presente e somos prósperos apenas por ele. O presente no qual nos encontramos representa a fronteira entre passado e futuro, e neste, nosso ‘real’ é apenas uma fronteira entre duas tolices carecendo de toda dimensão Cf. SCHOPENHAUER, A. *Scritti postumi: I manoscritti giovanili*, § 22, p. 20. Maria Lúcia Mello Oliveira e Cacciola afirma que para Schopenhauer: “[...] só existe o presente como limite entre o passado e o futuro, ‘que são tão nulos quanto qualquer sonho’” CACCIOLA, M. L. M. O. *Schopenhauer e a questão do dogmatismo*, p. 70.

37 Cf. JANAWAY, C. Schopenhauer’s Pessimism. In: JANAWAY, C. (Org.). *The Cambridge Companion to Schopenhauer*, p. 323.

38 SCHOPENHAUER, A. *Aforismos para a sabedoria de vida*, p. 155.

39 Cf. SCHOPENHAUER, A. MVR I, p. 40. Acerca disso ainda, Cf. SCHOPENHAUER, A. *Scritti postumi: I manoscritti berlinesi*, In-folio II § 124, 2004, p. 363.

conhecimento de si profundamente”⁴⁰. Schopenhauer reitera constantemente essa ideia para que não persistamos no apego aos pesares do passado, irreparável, tampouco empenhados em demasia com um futuro duvidoso que apenas nos propicia situações incertas.

Schopenhauer vai inferindo – da maneira como entende o decorrer do tempo – que a nostalgia pelo passado e a excessiva inquietação com o futuro se mostram inférteis para aquilo que denominamos felicidade. O único cenário plausível é o presente⁴¹. O próprio filósofo questiona esse cenário já em 1826 e se vê envolto a uma problemática. Se o presente se torna passado a todo instante, logo, ele também não deveria ser levado em conta. Diante deste impasse no parágrafo 124 dos *Foliant II* dos *SP III* ele se pergunta: “Que espaço permanece, portanto, para a nossa felicidade?”⁴² Schopenhauer busca resolver esse problema do espaço para nossa felicidade no presente a partir de um inflexível exercício, qual seja: “Manter com exatidão a justa medida”⁴³. Como descobrimos essa justa medida? Na não inquietação com os males futuros, pois mesmo que a todo instante o presente se transforme em passado e o futuro incerto, é apenas no presente que existe a possibilidade de encontrarmos a mediania. Ele nos diz:

[...] pois os males ou são meramente possíveis, quando muito verossímeis, ou são certos, mas seu momento de aparição é completamente incerto. Ora, se nos deixarmos enredar por essas duas espécies, então não teremos mais nenhum instante de paz. Portanto, para não perdermos a tranquilidade [sic] de nossa vida em virtude de males incertos ou indeterminados, temos de nos acostumar a ver os primeiros como se nunca fossem chegar, os outros, como se certamente não fossem chegar tão depressa⁴⁴.

Diante de tudo isso uma coisa é certa, vamos morrer e para isso não há antídoto. Em consequência desta certeza Schopenhauer nos aconselha que vivamos com a maior parcimônia possível no presente. Neste sentido, a saúde do corpo é essencial para a felicidade. Ele afirma: “[...] a saúde é, de longe, o elemento principal para a felicidade humana”⁴⁵. Não haverá regozijo possível se não a tivermos e todo bem externo será de pouca valia, visto que, conclui Schopenhauer: “[...] a saúde supera tanto os bens

40 ALONSO, J. D. M. *La filosofía política y su trasfondo ontológico en la obra de Arthur Schopenhauer*, p. 215.

41 Cf. ARAMAYO, R. La eudemonología de Schopenhauer y su trasfondo kantiano. In: ONCINA, F. (ed.). *Schopenhauer en la historia de las ideas*, 2011, p. 80.

42 SCHOPENHAUER, A. *Scritti postumi: I manoscritti giovanili*. In-Folio II, § 124, p. 364.

43 SCHOPENHAUER, A. *Aforismos para a sabedoria de vida*, p. 154.

44 SCHOPENHAUER, A. *Aforismos para a sabedoria de vida*, p. 156

45 SCHOPENHAUER, A. *Aforismos para a sabedoria de vida*, p. 20.

Revista Voluntas: Estudos sobre Schopenhauer - Vol. 6, Nº 1 - 1º semestre de 2015 - ISSN: 2179-3786 - pp. 120-134.

exteriores que, em verdade, um mendigo saudável é mais feliz que um rei doente”⁴⁶. Por conseguinte, a maior insensatez será sacrificar nossa saúde por coisas vãs, objetos desnecessários para nossa vida que não agregam nada de ‘saudável’ à nossa existência⁴⁷. Vilmar Debona destaca a importância dada à saúde por Schopenhauer da seguinte maneira: “No amplo leque das indicações em favor de uma vida menos infeliz, o pensador toma a saúde [...] como a base de tudo, o mais precioso bem, motivo pelo qual se devem fazer todos os esforços a fim de garanti-la e mantê-la”⁴⁸. Juan David Mateu Alonso destaca que a saúde física para Schopenhauer compreende noventa por cento da felicidade mundana, por isso é necessário que tenhamos atenção especial a ela⁴⁹.

Para Schopenhauer esse problema da finitude que nos assedia não tem sentido quando levamos em conta apenas o presente, pois o presente desconhece a morte⁵⁰. Na interpretação de Alexis Philonenko, Schopenhauer evidencia nossa infeliz obsessão com relação àquilo que foi ou que virá em detrimento do presente. Da perspectiva de Alexis Philonenko o homem, para Schopenhauer: “Quer o tempo como uma criança quer caramelos; no lugar de encontrar sua eternidade no puro presente, sem perguntar-se de onde vem ou para onde vai, se lança em fins quiméricos”⁵¹. A atenção ao presente torna-se indispensável nesta caminhada rumo à moderação. Junto a isso é importante ter uma firmeza mental, uma coerção sobre si mesmo que impeça, por conseguinte, a coerção externa, coação essa implacável e que nos compele a circunstâncias, na maioria das vezes, desagradáveis. Entendemos, sutilmente, que o ‘pessimista’ Schopenhauer permanece receptivo a um certo contentamento do presente. Porém, não podemos confundir esse regozijo com a busca de prazeres, mas sim, com o evitar o sofrimento. Ora, isso é ser um pessimista ao extremo?

Diante dessa receptividade podemos afirmar um ‘ledo pessimismo’ de Schopenhauer, por mais estranho que possa parecer. Pois, para todas as coisas que estão em nossa posse, resta-nos decidir uma ou outra vez prudentemente, aguardando o resultado que destas escolhas surgirá. Tudo quanto nos resta é apostar para

46 SCHOPENHAUER, A. *Aforismos para a sabedoria de vida*, p. 8.

47 Escreve Schopenhauer nos ASV sobre a saúde: “[...] a maior de todas as tolices é sacrificá-la, seja pelo que for: ganho, promoção, erudição, fama, sem falar da volúpia e dos gozos fugazes” SCHOPENHAUER, A. *Aforismos para a sabedoria de vida*, p. 20.

48 DEBONA, V. *A outra face do pessimismo: entre a radicalidade ascética e a sabedoria de vida*, pp. 172.

49 Cf. ALONSO, J. D. M. *La filosofía política y su trasfondo ontológico en la obra de Arthur Schopenhauer*, p. 212.

50 Cf. PHILONENKO, A. *Schopenhauer. Una filosofía de la tragedia*, p. 257.

51 Cf. PHILONENKO, A. *Schopenhauer. Una filosofía de la tragedia*, p. 257.

conquistarmos, cada um de nós, nosso próprio caráter. Esta conclusão, penso, dá espaço a uma versão mais humana do pessimismo de Arthur Schopenhauer. Se no âmbito teórico tudo o que existe é relativamente um nada, na prática, na sabedoria de vida, este nada é, felizmente, algo genuinamente humano.

Referências bibliográficas

ALONSO, Juan David Mateu. *La filosofía política y su trasfondo ontológico en la obra de Arthur Schopenhauer*. 2012, 463 f. Tese (Doutorado), Universidad de Valencia, Valência, 2012.

ARAMAYO, Roberto Rodriguez. La eudemonologia de Schopenhauer y su transfondo kantiano In: ONCINA, Faustino. (ed.). *Schopenhauer en la historia de las ideas*. Madrid: Plaza y Valdés Editores, 2011, pp. 61-84.

BARBOZA, Jair. Uma terapia para ser menos infeliz no inferno: sabedoria de vida e prudência em Schopenhauer. In: *Revista AdVerbum* 3(2), pp. 119-124, Ago. a Dez. de 2008.

CACCIOLA, Maria Lúcia Mello e Oliveira. *Schopenhauer e a questão do dogmatismo*. São Paulo: Edusp, 1994.

CHEVITARESE, Leandro. *A ética em Schopenhauer: que “liberdade nos resta” para a prática de vida?* 2005, 162 f. Tese (Doutorado), Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005.

DEBONA, Vilmar. *Schopenhauer e as formas da razão*. São Paulo: Annablume, 2010.

_____. *A outra face do pessimismo: entre a radicalidade ascética e a sabedoria de vida*. 2013, 270 f. Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

PHILONENKO, Alexis. *Schopenhauer: Una filosofía de la tragedia*. Trad. Gemma Muñoz-Alonso. Barcelona: Anthropos, 1989.

INVERNIZZI, Giuseppe. *Il pessimismo tedesco dell'Ottocento. Schopenhauer, Hartmann, Bahnsen e Mainländer e i loro avversari*. Firenze: La Nuova Italia, 1994.

JANAWAY, Christopher. Schopenhauer's Pessimism. In: JANAWAY, Christopher. (Org.). *The Cambridge Companion to Schopenhauer*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de conhecer a si mesmo*. Org. de Franco Volpi; trad. Jair Barboza e Silvana Cabucci Leite. São Paulo: Martins Fontes, 2009a.

_____. *A arte de ser feliz*. Org. de Franco Volpi; trad. Eduardo Brandão e Marion Fleischer. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005a.

_____. *Aforismos para a sabedoria da vida*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *Parerga and Paralipomena: short philosophical essays*. (Vol. I). Translated from the German by E. F. J. Paine. New York: Oxford University Press, 2000a.

_____. *O Mundo como Vontade e como Representação*. 1º Tomo. Trad. Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2005b.

_____. *Scritti postumi: I manoscritti giovanili 1804-1818* (Vol. I). A cura di Sandro Barbera. Milano: Adelphi, 1996.

_____. *Scritti postumi: I manoscritti berlinesi 1818-1830* (Vol. III). Edizioni italiana diretta da Franco Volpi; a cura de Giovanni Gurisatti. Milano: Adelphi, 2004.

ZIMMER, Henrich. *Filosofias da Índia*. Trad. Nilton de Almeida Silva e Claudia Giovani Bozza. São Paulo: Palas Athena, 1986.

Recebido: 25/06/15

Received: 06/25/15

Aprovado: 15/07/15

Approved: 07/15/15